



Organizadoras

Marina F. R. Ribeiro

Elisa Maria de Ulhôa Cintra

PSICANÁLISE

Vastas emoções e pensamentos imperfeitos

Diálogos bionianos

Blucher

VASTAS EMOÇÕES
E PENSAMENTOS
IMPERFEITOS

Diálogos bionianos

Organizadoras

Marina F. R. Ribeiro

Elisa Maria de Ulhôa Cintra

Vastas emoções e pensamentos imperfeitos: diálogos bionianos

© 2023 Marina F. R. Ribeiro e Elisa Maria de Ulhôa Cintra (organizadoras)

Editora Edgard Blucher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial e preparação de texto Regiane da Silva Miyashiro

Diagramação Plínio Ricca

Revisão de texto Amanda Fabbro

Capa Laércio Flenic

Imagem de capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da

editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Vastas emoções e pensamentos imperfeitos:
diálogos bionianos / organizadoras, Marina F. R.
Ribeiro, Elisa Maria de Ulhôa Cintra. – São Paulo :
Blucher, 2023.

330 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-729-3

1. Psicanálise 2. Bion, Wilfred R. (Wilfred
Ruprecht)- 1897-1979 3. Escuta psicanalítica
I. Ribeiro, Marina F. R. II. Cintra, Elisa Maria
de Ulhôa

23-1883

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Abrindo os diálogos: vastas emoções e pensamentos imperfeitos	11
<i>Marina F. R. Ribeiro</i> <i>Elisa Maria de Ulhôa Cintra</i>	
Primeiro ato – Diálogos bionianos	23
1. Implicações epistemológicas em contraponto a uma interpretação simplista do enunciado de Bion: sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia	25
<i>Elias Mallet da Rocha Barros</i>	
2. Vastas emoções e pensamentos imperfeitos	41
<i>Arnaldo Chuster</i>	

3. A aprendizagem emocional como trabalho básico
(sete notas e um avesso) 63
Luís Claudio Figueiredo
4. Por um certo elogio da mentira 75
Roosevelt Cassorla
5. A intuição psicanalítica e a *reverie*: captando fatos
ainda não sonhados 115
Marina F. R. Ribeiro
6. A questão do ódio à realidade em Bion: uma reflexão 151
Elisa Maria de Ulhôa Cintra
- Segundo ato – Entrelaces dialógicos entre a clínica
e a teoria bioniana 171**
7. Deslocamentos: uma odisseia bioniana 173
*Thaís Mariana Arantes Ferreira, Davi Berciano Flores,
Renato Trachtenberg e Evelise de Souza Marra*
8. Meu corpo, meu palco 197
*Júlio Conte, Maysa Marianne Silva Bezerra e
Cláudia Mazzini Perrotta*
9. Luz, câmera, ação: a mente do analista 215
*Rachele da Silva Ferrari, Ana Fátima Aguiar,
Gina Tamburrino e Anie Stürmer*

10. Pares e triângulos: preconceção e pensamento	231
<i>Victor de Jesus Santos Costa, Cristiana Regina Ferreira de Aguiar Pondé e Júlio Frochtengarten</i>	
11. Entre leiteiros e bombas: sobre a <i>reverie</i> nos grupos	249
<i>Pedro Hikiji Neves, Pablo Castanho e Carla Penna</i>	
Terceiro ato – O analista no seu ofício contínuo de vir a ser e o emaranhamento inconsciente	279
12. A função psicanalítica da personalidade do analista e a linguagem de alcance (o analista no seu ofício contínuo de vir a ser)	281
<i>Marina F. R. Ribeiro</i>	
13. Emaranhamento inconsciente	293
<i>Ignacio Gerber</i>	
Sobre os autores	325

1. Implicações epistemológicas em contraponto a uma interpretação simplista do enunciado de Bion: sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia

Elias Mallet da Rocha Barros

Há muitos anos, quando ouvi esta sugestão de Bion, não a entendi, pois não fazia sentido e me parecia esdrúxula. Durante anos, ouvi piadas em torno dessa ideia e comentários como: “Então um bioniano vai à sala de espera e pergunta: quem é o meu paciente?”. Outros chistes do gênero eram igualmente utilizados, todos para desqualificar a ideia de maneira caricatural.

Com esta abordagem sustentada por um senso comum rasteiro, a rica dimensão epistemológica da proposta ficava perdida, segundo minha leitura dessa ideia que permite muitas interpretações; dentre elas, considero a epistemológica a mais importante, sem desconsiderar suas outras implicações clínicas. Não tratarei aqui de outros ângulos que não o epistemológico; por exemplo, não elaborarei sobre como a ausência da memória libera a imaginação e promove a intuição. Intuição, é preciso dizer, não é

“palpite”, mas uma operação mental bastante complexa sobre a qual necessitaríamos mais tempo e espaço para comentar, algo que não tenho neste momento.

Alguns psicanalistas de orientação bioniana mais radical, por sua vez, ao enfatizarem a importância do “não saber” e do “suportar a dúvida”, não exploravam o que isto de fato significava do ponto de vista epistemológico e, portanto, favoreciam a escuta dessa ideia numa perspectiva superficial e enganosa. Se essas formulações não são seguidas de um esclarecimento sobre a profundidade da questão epistemológica envolvida, elas se confundem com uma exaltação orgulhosa da ignorância. E não se trata disto: o suportar a dúvida e a *não compreensão apressada estão a serviço justamente do contrário daquilo sugerido por uma primeira escuta superficial. A sugestão implícita e mais profunda busca um saber mais*. O conhecimento aspirado no caso destas proposições é de uma substância *em movimento*, sem momento de inércia, ou seja, de algo em processo de expansão. *A incerteza implícita na dúvida, no não estacionar no já saber, é uma entidade probabilística e refere-se a uma procura de uma certeza final nunca atingível.*

Ocorre-me aqui a expressão (se não me engano) de Atul Gawandi que se refere ao saber médico como resultado de “Certezas incertas de uma ciência probabilística”. Da mesma forma, o *princípio da incerteza* de Heisenberg, assim como os saberes da mecânica quântica, não veio ao lume para empatar o progresso da ciência, da física, da astronomia, da mecânica celeste. Ao contrário, promoveram uma aceleração dos conhecimentos sem precedentes sobre o mundo da matéria e do universo. A teoria da relatividade não anulou o conhecimento anterior, apenas o aprofundou e o expandiu, deslocando-o para modelos probabilísticos que melhor se adaptam ao mundo das partículas subatômicas. A incerteza nesse contexto é uma referência à teoria das probabilidades, e não à dúvida por si só em seu

estado bruto, algo que seria paralisante. A perspectiva relativista enfatiza a noção de campo de validade e qualifica o conhecimento da matéria em função das dimensões das partículas em jogo. A mecânica newtoniana serve perfeitamente para calcular a órbita de um foguete lançado em direção à Saturno. Já para interpretar as imagens que chegarão do telescópio James Webb, será necessária a mecânica quântica para ampliar e aprofundar o que será detectado, e não simplesmente o que está sendo visto. É preciso notar – *algo que frequentemente as pessoas esquecem* – *que certos funcionamentos da matéria e do universo são equacionáveis e só passíveis de serem expressos matematicamente, mas não se prestam às visualizações.* São verdades físico-matemáticas *não metaforizáveis* sem grandes perdas de seu profundo significado.

A relatividade não tem por função primordial colocar em dúvida os conhecimentos já existentes, mas, ao contrário, visa aprofundá-los apresentando uma nova perspectiva captável num campo de causalidades complexas. Acentuar a relatividade é mostrar as *imprecisões* (e não a ineficiência) do conhecimento adquirido, é pedir mais observações, mais dedicação e promover um avanço na física, ao colocar mais peso e sofisticação nos modelos probabilísticos capazes de captar o provável funcionamento das partículas subatômicas associado à posição do observador, que nos permitem melhor lidar com o caráter elusivo daquelas e nos convidar a buscar novas evidências.

Também o “sem memória e sem desejo” não deve ser reduzido a uma prescrição dita técnica. Esta frase não tem um caráter prescritivo – que, por sinal, atuaria contra ela mesma, tornando-a uma regra e, pior, uma regra fixa, difícil de ser traduzida em “técnica” analítica. Aliás, a frase que a contém não pertence ao universo da técnica, algo contrário a todo espírito de Bion e de sua obra. Esta sua frase sublinha a importância de um recorte epistemológico

em relação ao que temos acesso na sessão analítica e pertence ao universo da observação.

Sua proposta contém uma visão dinâmica sobre a natureza da observação dirigida a um objeto (analítico) em eterno movimento que o coloca dentro e fora do tempo simultaneamente, além de representar uma concepção sobre substância do Humano e, assim, tornar mais complexa a natureza da função do observador. Do ponto de vista do analista em sessão, esta proposta acentua a simultaneidade dos tempos e das causações complexas. Não podemos nos esquecer que a mente do observador é coestruturada também a partir da área do reprimido e cindido (Nosek, 2017).

“Memória”, na primeira parte da frase, não se refere aos seus sentidos comuns associados a lembranças, recordações, arquivos de momentos fixos no tempo. Memória aqui conota, mais do que denota, uma função cerebral, o tipo de objeto em questão no campo do *ser e estar em análise*, e sugere qual o tipo de observação possível para captar algo em constante estado de transformação em um universo no qual a temporalidade é sincrônica, diacrônica e anacrônica, simultaneamente. Nunca vi ressaltada a relação desta postura com a natureza da temporalidade na qual está inserido o objeto analítico. A frase que se inicia por “Sem memória” não traz um convite ao esquecimento, já que o esquecer é uma das funções da memória. Bion não sugere, a meu ver, simplesmente que esqueçamos a história do paciente, por exemplo. Esquecer a história é ativar uma das funções principais da memória que nos levaria a uma postura de fixação numa ausência ativa. Para Bion, eu acredito, a história em forma de fragmentos que possa nos ocorrer num encontro com o paciente é parte do presente vivido, é uma experiência emocional, é a síntese de um momento no presente expresso por meio de uma evocação inclusiva do passado. Por exemplo, uma informação sobre a mãe do analisando é uma ilustração expressiva de um significado evocado, que é parte de

uma História, com H maiúsculo. É talvez um dos momentos nos quais os significados das experiências emocionais se organizam sinteticamente e que podem mudar num novo contexto. Para Bion, o analisando sempre está falando do presente, do agora, mesmo quando relata dados de sua biografia. Nesse contexto, o analista se mantém *sendo*, isto é, numa postura que internaliza o movimento das emoções dentro de si mesmo, naquele instante, um agente transformador em transformação. Não tem sentido, a meu ver, que um analista que se inspire nestas ideias diga ao paciente “não fale do passado, mas só do presente e do aqui e agora”, “não me conte sonhos, sonhe comigo aqui”. Estas intervenções são equivocadas, a meu ver, por paralisar o observador e torná-lo prescritivo. Muitas vezes, a experiência emocional no presente é expressa por meio de uma vivência recordada, de uma história contada, de um sonho relembrado de um *lá e então, que capta o momento instantâneo*. O que não tem sentido é interpretar o passado explicando-o e deixar passar o significado e a função do passado referido *no aqui e agora da vivência emocional*.

Bion propõe uma atitude de abertura em expansão, uma postura de paciência necessária diante de um movimento que nunca finaliza. Não se trata de sugerir uma passividade, mas sim de enfatizar uma tolerância com a impossibilidade de circunscrever, ou seja, de limitar o conhecimento. A proposta sugere que a melhor atitude de observação é a de interrogação, na qual não devemos nos apressar para obter a resposta, atitude que interferiria na essência do que estaria sendo observado. Trata-se de uma advertência para não confundirmos o que captamos com o fim da dúvida. A resposta, que é *a infelicidade da questão*, é aquela que a suprime em vez de ampliá-la. A dúvida diante do desconhecido nos serve para organizar as perguntas, construir as equações que tentam explicar as questões envolvidas. A menção ao desconhecido não é uma

apologia do não conhecer. É uma advertência sobre a inexistência de um conhecimento final.

Não é à toa que Bion introduziu a dimensão do infinito ao inconsciente. Ele o faz para nos indicar que mesmo o inconsciente está sempre em formação, sempre criando outros significados e novas demandas, não existe limite para seu conteúdo. Nosso autor está nos advertindo que não está tudo lá, a menos que pensemos paradoxalmente neste “tudo” como um estado de pregnâncias sempre renovado, ou num estado potencial aberto para fertilizações futuras.

Não há uma função anticoncepcional no inconsciente. Não entrarei aqui numa questão espinhosa que, em algum momento (ou imediatamente), necessitará ser enfrentada pelo psicanalista. Uma coisa é a *experiência do sentimento*, outra é a *concepção* deste. A tristeza é, ao mesmo tempo, uma experiência emocional vivida em busca de significação e uma exemplificação do que é uma tristeza conceitualmente dentro da mente humana. Sentir é concomitantemente uma experiência e um saber, mas não aprofundarei esta questão agora.

Deixo uma pergunta em aberto: o inconsciente apenas sente ou também concebe, no sentido recém-descrito? Ou o conceber é um momento da intuição já consciente, uma espécie de relâmpago, do conhecimento da experiência? Por favor, não encarem esta questão de maneira simplista. Ela é dura, pesada, ou seja, muito complexa e exige tempo para seu aprofundamento.

Ocorre-me como ilustração do problema com o qual estamos lidando. Lendo um livro de Emmanuel Carrère (2008) (*Um romance russo*), encontro um personagem intrigado com um estado de espírito que lhe é singular. De início, parece uma vontade de chorar sempre que tentava se lembrar de uma canção que alguém, em sua infância, cantava para ele. Seria sua mãe? Sua

niania? Agora, em sua vida adulta, não havia mais ninguém para cantá-la, ou melhor, agora era ele que algumas vezes a murmurava para si mesmo. Não era a canção que ele queria ouvir, nem mesmo se lembrar da situação em que esta lhe era cantada. O que ele desejava, em suas palavras: “era dar forma à emoção que o submergia” quando murmurava a cantiga. Não conseguia! Havia algo interior que ainda não fazia sentido. Alguma coisa dentro dele lhe recusava essa dádiva, concluía!

Essa dádiva, se lhe fosse concedida, dentro desta perspectiva que estou apresentando, poderia levá-lo a se conhecer melhor e aperfeiçoar sua capacidade de refletir sobre si mesmo por meio do estabelecimento de padrões de relações entre sentimentos antes insuspeitados por sua mente consciente. Para tanto, ele precisaria criar formas (simbólicas) que lhe permitissem estabelecer e ampliar as conexões emocionais com diversos núcleos afetivos de significado que são inconscientes. Sentimento é forma significativa e vivência simultaneamente.

É importante acentuar que o personagem não buscava reviver a experiência ou *se lembrar das circunstâncias em que a canção era cantada, mas conceber a emoção envolvida*. Eu diria que ele desejava incorporar o significado de uma tristeza nostálgica em permanente ação em sua vida mental.

O *Ser*, observado psicanaliticamente, é uma substância em constante transformação, como já foi dito, o que não contraria as formulações psicanalíticas bem fundamentadas que indicam que o indivíduo humano contém núcleos “duros”, estáveis (núcleos identitários) que são refratários a mudanças e militam contra as transformações. Entretanto, mesmo estes *núcleos de estabilidade* inserem-se em contextos a cada momento diferentes e exercem sua função refratária de forma singular dentro da constelação que constitui o ser. Esta parece ser a posição de Bion, do meu ponto de vista.

Nesse contexto, a intervenção analítica torna-se o instrumento para expandir os vínculos entre as experiências emocionais significativas e promover novas conexões que ampliem a rede do sentido e o repertório afetivo do que significa se sentir vivo, algo mais do que existir.

Se quisermos conhecer Pedro, por exemplo, num sentido profundo, ganharíamos mais se nos concentrássemos no efeito da experiência (emocional) sobre sua substância em ebulição. Vamos conhecê-lo melhor se captarmos os mínimos movimentos que estavam subjacentes à sua transformação: de início, ele era palmeirense convicto, depois tornou-se uma pessoa que não liga para futebol. O que aconteceu? Quais foram os minúsculos, microscópicos movimentos, responsáveis por esta transformação? Ao me perguntar “quais são?”, não busco uma explicação, mas uma compreensão que se transformará numa vivência.

A observação do senso comum dirigido ao mundo físico não capta imediatamente o intenso movimento atômico e subatômico que está presente nos objetos que, do ponto de vista da realidade imediata, estão fixos, estáveis, estáticos. Diante da natureza, não é imediata a consciência de que a estabilidade é fruto de um equilíbrio dinâmico extremamente complexo.

A memória que Bion sugere que deva ser suprimida na sessão psicanalítica é aquela que falseia a percepção da natureza do Ser, que lhe atribui uma identidade fixa e o vê como um objeto constituído de causalidades lineares. Este tipo de Memória que fixa, condiciona um certo tipo de Desejo.

Simplificando: vemos algo verde e somos convidados a impor nossa vontade culturalmente condicionada, a qual sugere que aquilo que é verde deveria ser amarelo. É claro que queremos que um fascista se transforme em democrata, ou ainda que um sujeito deprimido volte ao normal, mas não é deste tipo de desejo que

Bion está falando, ainda que sua formulação tenha implicações éticas para esta questão.

O verde, no caso, é algo que existe num universo atemporal, ou numa dimensão da temporalidade diacrônica, fruto de uma particular constelação de causações não necessariamente lineares. Aquele verde, na concepção que estamos propondo, já contém o amarelo que pode se transformar num outro tom de verde, que concomitantemente abriga outras cores, dependendo do vértice que se adote. Além disso, o verde está representando apenas algum aspecto secundário da substância do objeto colorido, que, por sua vez, pode se tornar primordial a partir de um outro vértice. E sobretudo não cabe a mim decidir qual deve ser o estatuto deste objeto, sua cor. Se eu lhe atribuo o meu Desejo, aquele objeto já será outro que não ele mesmo, tornar-se-á o objeto de minha imaginação, e não mais aquele sob minha observação psicanalítica.

O Desejo como vontade destrói o objeto da observação e lhe dá uma fixidez por meio da Memória, no sentido comum. E desejo, no sentido de “ânsia por”, altera o estado de espírito do analista interferindo na escuta igualmente atenta, postura básica em nosso campo.

Ao tomar a frase “sem memória e sem desejo” em seu sentido vulgar, cotidiano, eu ataco e deformo a essência da psicanálise que demanda um descolamento do senso comum. Transformo o sujeito, num sentido ontológico, numa categoria gramatical e, do ponto de vista epistemológico, num objeto do senso comum.

Não estou tratando aqui do aspecto ético do Desejo de cura do analista, assunto bastante discutido, mas, neste momento, limito-me a seu ancoramento epistemológico: o Desejo de cura ou a aspiração pela melhora dos sintomas do paciente representam apenas um caso particular de uma postura total.

Alguns psicanalistas, em certa medida, também são responsáveis por simplificar um entendimento equivocado de algumas ideias de Bion, quando implicitamente facilitam sua decodificação limitada às percepções do senso comum. Ao insistirem, por exemplo, no conceito de *capacidade negativa* que prescreve à tolerância à ansiedade pelo não saber, esquecem-se de dizer que esta paciência não está a serviço da ignorância, do não saber, mas exatamente ao contrário, está a serviço do saber mais e melhor por meio da estabilidade de uma atenção sempre renovada. A *paciência* aqui referida é a função mental da atenção dirigida a um campo aberto em expansão, à captação de um movimento que abriga uma causalidade complexa por ser múltipla e mutante.

Quero reenfatizar que o objeto da observação do psicanalista é a realidade psíquica inconsciente, uma dimensão de algo em movimento em constante emanção. O significado das experiências psíquicas que lá deixam suas marcas não é fixo, não é algo a ser achado e revelado, mas sim, criado. E é importante sublinhar que tanto as marcas deixadas na essência quanto o significado criado para cada momento da experiência existem em processo, isto é, em movimento. Não são aleatórios ou sem causa, mas essas causas são complexas por também existirem como processos e em configurações que se formam e se desfazem. As experiências emocionais tanto do presente quanto do passado existem em contínuas construções e reconstruções.

Por exemplo, a paleontologia evolutiva nos ensina que o ornitorrinco é um animal que contém, no presente, elementos centrais para compreendermos os mecanismos da evolução dos mamíferos, isto é, o movimento da vida. Podemos nos fixar no que ele é hoje como animal e exibi-lo para contemplação num zoológico, mas nesse caso perderíamos o que este bicho contém de uma história *do que foi* e que talvez aponte para *o que será* (num sentido de *pregnância*) o futuro da espécie. De um lado,

ele é arcaico no sentido de ser igual a seres que existiram há milhares de anos, mas também é algo entre um pássaro (sem ser pássaro) como foram seus antecessores e um mamífero, isto é, sendo mamífero. E esse bichinho arcaico, em alguns sentidos, também contém elementos ditos “modernos”, como uma finíssima percepção para mínúsculas alterações em campos de força gerados pelos movimentos celulares do camarão de água doce que só seriam perceptíveis por instrumentos eletrônicos. O bico do ornitorrinco não é apenas um maxilar semelhante ao do pato, mas um instrumento de reconhecimento de variações de campos elétricos celulares. De onde isto veio? De um passado herdado ou é um salto para o futuro. O esmiuçamento do que é a estrutura substancial do ornitorrinco nos informa muito sobre a transformação dos mamíferos e sobre sua relação evolutiva com os peixes anteriores aos mamíferos. Ou seja, de um lado estamos diante de um “truque” evolutivo muito engenhoso adquirido por espécies diferentes que surgiram em tempos variados; de outro, estamos observando um movimento (evolutivo) que nos permite compreender a Evolução em si mesma. Então, aprendemos muito ao compreender a estrutura do ornitorrinco naquilo que ele representa em sua estabilidade. Para compreendermos a Evolução com “E” maiúsculo, necessitamos captar o que há de transformacional neste bichinho, ou seja, em como ele – ser singular – enquanto representante de uma espécie tem respondido à experiência da vida. O ornitorrinco tem em seu presente dois espelhos: um voltado para o passado e outro para o futuro. Para maior compreensão deste processo, sugiro a leitura do livro *A grande história da evolução*, de Richard Dawkins (2009).

A ideias de Bion comportam uma metapsicologia de processos, e não de conteúdos, seguindo a expressão usada por Roussillon e enfatizada por Howard Levine em diversos trabalhos (Levine, Reed & Scarfone, 2013).

Bion e os pós-bionianos, assim como muitos analistas contemporâneos transmatriciais (Figueiredo & Coelho Jr., 2018, p. 187), ou seja, aqueles que atravessam paradigmas, estão focados mais nos processos de construção do pensamento que produzem significados por meio dos quais a experiência emocional é transformada do que no conteúdo do pensamento, seja reflexivo consciente ou do inconsciente onírico. Nos processos de pensamento, as conexões (links) não são fixas, dependem de molduras contextuais e do tipo e qualidade do material inconsciente que é invocado em cada instante.

É nesse contexto que o Desejo fixa uma particular constelação e a faz passar pelo todo, sendo que esta configuração é apenas uma parte do significado da experiência emocional e, com isso, apreende apenas um estado mental do paciente num tempo que já passou, num *sido*, que não é o paciente como ser total e, se assim for, não capta a experiência emocional enquanto tal. O perigo de *desejar* está na possibilidade de o analista estar impondo uma substância ao paciente que dá conta apenas parcialmente do que ele é. Na verdade, o paciente é, para me expressar numa ideia de Fernand Braudel (1993), a soma de todas as histórias possíveis, e não fruto de uma única história.

Uma objeção ao que foi dito até aqui seria uma indagação sobre o papel da história do paciente em sua constituição como ser. A primeira resposta que eu daria, embora esta não dê conta de toda crítica implícita na objeção, seria a de que até agora *só procurei interpretar o alcance epistemológico da frase*, que se refere às condições de observação psicanalítica e não aos processos de constituição do ser.

É claro que acredito que a história tem um papel na constituição do psiquismo do sujeito e, assim, a pergunta clínica seria: como ela é captada e observada no seu contínuo movimento ao

ser objeto da *observação-psicanalítica* da maneira como é proposta por Bion? O problema está, a meu ver, em como podemos observar a história continuamente exercendo seu papel, como ela atua enquanto está armazenada na constituição do psiquismo.

A primeira consideração seria responder que a história se transforma em estruturas psíquicas e estas são acessíveis à observação via processo de significação das experiências emocionais. As lembranças não exercem um papel diretamente por meio de conteúdos psíquicos, seja sob a forma de lembranças recordadas, seja sob a forma de repetições. Elas o fazem pela função que adquirem num contexto emocional enquanto *vivência da lembrança*, no seu aspecto evocativo.

Nos encontros sobre a obra de Bion (particularmente neste), sugiro que se discuta a relação daquilo que é com o que será, levando em conta o que foi. Dito de outro modo, onde está, na experiência emocional captada no instante presente, o passado e o futuro?

É verdade que necessitamos considerar também a sugestão da abordagem proposta pela ideia da ausência de memória e de desejo como uma forma de proteção da mente do analista contra o tédio e a quase morte gerada pela repetitividade das queixas do paciente, conforme aponta Rocha Barros Neto, que diz:

Para mim, o lema “sem memória e sem desejo” desponta mais como uma sugestão de proteção e preservação do enquadre analítico. Por exemplo, inúmeros pacientes trazem dia após dia o mesmo problema, as mesmas angústias, “a eterna repetição do mesmo”. Com isso, o analista pode se sentir paralisado numa atemporalidade e até entediado. A capacidade de escutar a mesma história de uma maneira nova (sem memória e sem desejo)

é o que pode salvar o analista do tédio, da apatia e da desvitalização. Por exemplo, tenho um paciente que toda semana começa a sessão falando: “é a mesma coisa de sempre . . . você vai escutar as minhas mesmas queixas . . . E eu gosto de responder: “mas esta será a primeira vez que estarei às escutando hoje” ou “você ainda não falou para mim delas do jeito que vai falar delas na sessão agora. (Rocha Barros Neto, 2022, Comunicação pessoal)

Em razão da exiguidade do tempo, faltou aqui um comentário sobre o significado da expressão “sem compreensão”, continuação da expressão “sem memória e sem desejo”. Vou deixar de lado uma observação sobre um possível equívoco (ou imprecisão) de Bion ao usar a palavra compreensão. Penso que é difícil entender o que ele quis dizer sem esmiuçarmos o termo inglês *understanding*. Este termo é fruto de uma longa história linguística e contém múltiplos sentidos. Volto a sublinhar que Bion, em nenhum momento, está fazendo apologia da imbecilidade, elogiando a ignorância. *Under*, parte da palavra, que em linguagem comum seria traduzida como “embaixo”, vem de um termo medieval que significa “entre”, “no meio de”. E *standing* contém um sentido postural, de imobilidade: *standing under*, “estar parado no meio de”. É só neste sentido que Bion propõe uma não compreensão: “não fiquemos parados no meio de” acreditando que estamos vendo tudo. Ficar parado no meio de um desenho de um átomo e suas subpartículas nos conta pouco sobre como a matéria se constitui e opera. Este átomo só se revela, isto é, passa a existir, quando observado em seu movimento através dos Grandes Colisores de Hádrons, da colisão das partículas, cuja existência é deduzida das imagens dos impactos energéticos em filmes de altíssima definição.

A compreensão (*understanding*) que importa não é a do ser estático observando um momento do mundo ou da vida mental. Compreensão (*understanding*) tem uma conotação de submissão, de inércia. É contra este aspecto que Bion adverte nosso espírito crítico, mas não nos esqueçamos que compreender (*understand*) também contém a ideia de perscrutar (*muse*), imaginar, suspeitar (*be suspicius of*). Estas conotações exprimem uma postura metodológica legítima e importante para o progresso de nosso avanço na tarefa de desenhar o mundo em seu eterno movimento.

Referências

- Braudel, F. (1993). *Grammaire des civilisations*. Flammarion.
- Carrère, E. (2008). *Un roman russe*. Gallimard.
- Dawkins, R. (2009). *A grande história da evolução*. Companhia das Letras.
- Figueiredo, L. C., & Coelho Jr., N. E. (2018). *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura. Matrizes e modelos em psicanálise*. Blucher.
- Levine, H. B., Reed, G. S., & Scarfone, D. (2013). *Unrepresented states and the construction of meaning*. Karnak.
- Nosek, L. (2017). *A disposição para o assombro*. Perspectiva.
- Rocha Barros Neto, A. M. (2022). Comunicação pessoal.



Os três atos e treze capítulos que compõem este livro nos oferecem uma ideia aproximada da variedade de horizontes e ângulos filosóficos, teóricos e clínicos que o pensamento de Wilfred R. Bion nos descortina. Dizemos “ideia aproximada” porque talvez sejam inesgotáveis os aspectos que essa obra comporta e que são de interesse para o psicanalista. Há muitos modos de se aproximar de Bion e de se “apropriar” (se é que a palavra se aplica) de temas e ideias bionianas; todos esses modos e caminhos são fecundos, úteis, estimulantes e, frequentemente, nos conduzem a... mistérios. Às vezes, vale a pena o esforço de trazer alguma luz aos mistérios; outras vezes, o melhor é dar mais espaço a eles, expandir nossa capacidade psíquica de tolerá-los e fazê-los operar em nossa mente. Não por acaso, a última parte da coletânea associa o vir a ser do analista a um certo emaranhamento inconsciente.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-729-3



9 786555 106729 3



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Vastas emoções e pensamentos imperfeitos Diálogos bionianos

Marina F. R. Ribeiro, Elisa Maria de Ulhôa Cintra (Org.)

ISBN: 9786555067293

Páginas: 332

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
